

SOBRE SEMÂNTICA LEXICAL E SEMÂNTICA FRÁSICA NA TERMINOLOGIA PARA OS ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO

FÁTIMA OLIVEIRA

A elaboração de uma nova Terminologia para os Ensinos Básico e Secundário envolveu vários linguistas de diferentes áreas e teve por base trabalhos anteriores em que se reflecte sobre estas questões. Esta terminologia pretende, por um lado, ultrapassar uma grande desactualização científica que a nomenclatura anterior manifestava¹ e, por outro, introduzir conceitos que, sendo essenciais para o estudo de uma língua, não eram sequer considerados. Quer isto dizer que estes novos termos podem contribuir para uma melhor compreensão de alguns aspectos linguísticos com os quais os docentes se debatem e para os quais têm alguma dificuldade em encontrar maneiras adequadas de descrição. Penso estarem nesta situação conceitos introduzidos em subdomínios como, por exemplo, Semântica Frásica, Pragmática e Linguística Textual e também Fonologia. Acresce que, não havendo, quer para estes novos conceitos quer para os mais conhecidos, uma terminologia que de algum modo servisse de instrumento de trabalho, isso permitia uma proliferação de termos e por vezes de conceitos que aumentavam a ambiguidade, as indecisões e sobretudo a falta do rigor que deve ser exigido quando se trata de adquirir um conhecimento explícito de uma língua.

Creio portanto que esta terminologia representa um avanço considerável no sentido de propiciar um mais adequado instrumento de trabalho aos intervenientes no processo educativo em geral e do ensino do português em especial, por poder ajudar a resolver problemas e por simultaneamente usufruir de conhecimentos consolidados em Linguística. Com efeito, ensinar gramática envolve desenvolver a consciência linguística dos alunos de modo progressivo e adequado à sua fase de desenvolvimento linguístico de forma a permitir-lhes vir a alcançar um conhecimento metalinguístico. Para alcançar tais objectivos, a terminologia é um instrumento básico, apesar de não ser o único, sobretudo quando alicerçada em conhecimentos linguísticos fundamentais e sólidos.

Cada vez mais se fala na sociedade portuguesa sobre a pouca cultura científica dos portugueses e como isso pode ter consequências nas suas vidas e na compreensão do mundo. Ora, o ensino da gramática pode também contribuir significativamente para essa cultura, se o entendermos como uma actividade de procura e de descoberta em que podem aplicar-se alguns métodos tipicamente associados à investigação científica como sejam a observação de dados, a detecção de regularidades, a formulação de algumas generalizações ou até a possibilidade de as testar relativamente a dados novos. Quer isto dizer que a língua pode ser estudada de modo objectivo na medida em que se conseguir ultrapassar o conhecimento intuitivo dos falantes e se adquirir um conhecimento reflexivo e estruturado. Tal atitude apresenta algumas vantagens não só pelo poder formativo que encerra como também por permitir ultrapassar uma memorização sem compreensão que, como se sabe, apresenta

¹ A nomenclatura mencionada data de 28 de Abril de 1967, portaria nº 22664.

efeitos negativos a curto prazo e, sobretudo, a longo prazo pela falta de capacidade em reagir perante o que é novo.

1. Observações gerais

É com base nestes pressupostos que serão apresentadas, de forma muito breve, algumas novidades que esta terminologia encerra, em particular no domínio da semântica frásica. Não é possível, como é evidente, falar de todos os aspectos que aparecem na terminologia neste domínio pois todos eles merecem uma atenção e uma explanação cuidadosa. Mas deve desde já ficar claro que as definições apresentadas e os exemplos ilustrativos da terminologia não são de modo nenhum suficientes para introduzir ou reequacionar o seu ensino. Com efeito, ela deve ser entendida também como impulsionadora de uma maior reflexão e estudo que fundamente uma prática pedagógica alicerçada na consolidação do conhecimento e no treino na observação dos dados.

No que à Semântica diz respeito, esta terminologia é bem um exemplo de um pequeno léxico especializado,² constituído por definições dos termos mas em que, ao usar o português como metalinguagem, é possível ainda, em alguns casos, encontrar ambiguidades ou ausência de relações indispensáveis entre termos. Mas esta era a alternativa mais viável para agrupar e organizar, de forma acessível aos seus utilizadores, um conjunto considerável de termos, embora por si só não seja suficiente pois implica, necessariamente, uma actualização de conhecimentos.

No entanto, esta não é a forma como se concebe o Léxico em Linguística e o significado das palavras não pode ser visto apenas desta maneira como também não pode ser alcançado só através do estudo de certas relações de inclusão, sinonímia ou antonímia entre as palavras. Neste sentido, o subdomínio de semântica lexical é bastante conservador na medida em que se limita a acrescentar alguns termos como, por exemplo, meronímia e holonímia já presentes em programas. Estas observações têm a ver com o não se poder considerar que o significado das palavras é obtido só através dessas relações, pois pouco se acrescenta ao seu conhecimento e tal acarretaria deixar de lado algo de extremamente importante que é a construção do significado pelo menos ao nível da frase. Isto é, o significado de uma palavra deve ser entendido como um potencial de significado que se torna mais preciso na medida em que se insere num contexto linguístico. Quer isto dizer que, para se compreender o sentido das definições da terminologia, é preciso saber não só esse potencial de significado das palavras como compreender a forma como elas se encontram relacionadas nas diferentes frases que constituem cada uma das definições. Por isso não se pode estudar uma língua aprendendo as regras sintácticas e consultando um dicionário para saber o significado das palavras. O nosso conhecimento lexical é muito mais complexo incluindo diversos tipos de informações desde a categoria da palavra ao número de argumentos e suas funções semânticas ou à sua representação fonológica. É por essa razão que, a título exemplificativo, as frases (1) e (2), embora bem formadas do ponto de vista estritamente sintáctico, não são aceitáveis e as frases (3) e (4) o são:

² Veja-se a sua definição no subdomínio de Semântica Lexical.

- (1) A pedra comeu a maçã.
- (2) A mesa sorriu.
- (3) A Ana comeu a maçã.
- (4) A criança sorriu.

Por outro lado, uma parte considerável do significado é construída, como já se disse, no quadro de frases e também de textos. Convém, no entanto, alertar para o facto de que não se está a falar do significado que um falante atribui a uma palavra pois o que aqui é relevante ter presente é que a posição e a construção em que uma palavra ocorre determinam consideravelmente o seu significado. Veja-se, por exemplo, o significado de *homem* nas seguintes frases:

- (5) O homem é um animal racional.
- (6) O homem chegou à lua em 1969.
- (7) Os homens preferem as louras.
- (8) O homem acabou de chegar.
- (9) Um homem não chora.
- (10) Ela procura um homem que saiba japonês.
- (11) Ela procura um homem que sabe japonês.

Em (5) a leitura de *o homem* é universal uma vez que o predicado *ser um animal racional* se aplica a todos os homens. Em (6), duas leituras são possíveis: ou estamos a falar da espécie homem ou estamos a falar de um homem específico. Em (7), apesar do plural, temos uma frase genérica em que se fala dos homens em geral e em (8) a única leitura possível é a de se considerar um homem específico. Mas em (9) e (10) *um homem* é interpretado de modo diferente pois a primeira destas frases é uma frase genérica enquanto em (10) *um homem que saiba japonês* não pode ser entendido como específico, podendo até nem sequer existir tal indivíduo. Para se ver como o modo conjuntivo influencia a leitura de *um homem* em (10) compare-se com (11) em que o modo indicativo contribui para a sua leitura existencial.

Como se pode ver, é essencial conhecer conceitos e relações ao nível da semântica frásica mas, embora esta área já tenha largos anos de investigação, constitui ainda uma novidade para muitos. Esta necessidade é de algum modo veiculada no subdomínio de semântica frásica quando surgem muitas entradas associadas ao termo valor.³ É assim que surgem entradas como “valor específico / não específico / genérico das expressões indefinidos”, “valor específico das expressões definidas”, “valor de certeza / obrigação / possibilidade / probabilidade” ou até “valor explicativo / restritivo das orações relativas”.

Neste último caso, é importante mencionar que não parece muito relevante falar dos valores explicativo e restritivo das frases relativas pois há características sintácticas destas construções que são determinantes. Porém, há uma diferença de natureza semântica nestas

³ Em vez do termo valor, oriundo da tradição francesa, pareceria mais adequado o termo leitura, por ser mais claro, isto é o contexto linguístico interfere na leitura ou interpretação final da palavra, expressão ou frase.

construções que é uma restrição sobre o tipo de antecedente das explicativas: deve ser referencial e sobretudo uma expressão definida. Mas este tipo de expressão não diz respeito exclusivamente a expressões com artigos definidos (que aliás podem ser de diversas naturezas), mas sobretudo à definição semântica de descrição definida em que se postula a existência do indivíduo e a sua unicidade e, por isso, apesar da sua diferença, os nomes próprios são também expressões definidas. Neste sentido, é um lapso a terminologia não ter uma entrada para ‘nome próprio’ na área de semântica pois esta tem contribuído claramente para a sua definição. Porém, na semântica frásica, há ainda um outro lapso muito importante, que é a ausência de entradas para ‘quantificador’ e ‘quantificação’ pois são conceitos muito complexos para cuja descrição e explicação a semântica tem contribuído fortemente, não se justificando por isso que só surjam no domínio da classe de palavras.

Parece-me ainda discutível que as questões que se colocam na entrada ‘propriedades semânticas’ tenham aqui lugar porque nesse caso muitas outras propriedades deveriam ser consideradas como, por exemplo, a natureza semântica dos argumentos dos predicados. Mas sobretudo os exemplos parecem pouco claros: a frase “perdi livro no caminho” não é bem formada porque se trata de um nome contável no singular sem qualquer determinante ou quantificação. Mas “encontraram ouro na mina” já é bem formada porque, apesar de não ter qualquer determinação, *ouro* é um nome não contável, mais propriamente um massivo.⁴

Deixando para outra ocasião alguns temas que esta terminologia incorpora, focarei de forma breve esta distinção entre nomes contáveis e não contáveis, que, sendo muito útil, é pouco desenvolvida na terminologia, tentando mostrar como a questão da quantificação é relevante.

Tal como surge nesta terminologia, a diferença entre nomes contáveis e não contáveis costuma estar associada à semântica frásica, mas na verdade trata-se de um problema, pelo menos em parte, de semântica lexical uma vez que se está a falar de tipos semânticos de nomes comuns.

2. Sobre nomes contáveis e não contáveis

Vamos assim ver brevemente que há nomes que são contáveis e há os não contáveis, fazendo parte destes últimos os nomes massivos. Numa primeira abordagem podemos dizer que esta distinção está relacionada com o tipo de entidades que estes nomes podem designar. Mas se a sua distinção fosse só essa, talvez não fosse muito interessante falar dela em linguística. No entanto, esta distinção tem consequências gramaticais importantes. Uma delas está relacionada com o plural: só os nomes contáveis podem ter plural, enquanto os não contáveis não têm. Quer isto dizer que se contamos os primeiros, medimos os segundos, em particular os massivos. E, ao dizer isto, já se está a falar de quantificação.

2.1. *Propriedades distintivas*

Há duas propriedades que distinguem estes nomes e que são as seguintes: cumulatividade e divisibilidade. Enquanto nomes massivos como *água* têm essas

⁴ Veja-se a este respeito as definições da terminologia.

propriedades, os nomes contáveis não as têm. Isto quer dizer que se se dividir uma porção de água em duas partes, cada uma mantém as características da porção de partida e isso não acontece com os nomes contáveis pois se dividir em partes uma cadeira cada uma delas não é uma cadeira. Por outro lado, se se juntar água com água, o que se obtém é água enquanto o resultado de uma cadeira mais uma cadeira é duas cadeiras. Por isso contamos palavras como *cadeira* (*duas, dez cadeiras*, mas também *muitas, várias, algumas, todas as cadeiras*) mas medimos palavras como *água* (*1 litro, um copo, uma colher de água* mas também *muita, pouca, toda a água*).

Mas, tal como se disse anteriormente, o significado das palavras é potencial. Trata-se, com efeito, de uma das grandes riquezas das línguas: o conhecimento básico do significado permite que se operem mudanças, obtendo significados derivados. Assim, é possível usar um nome contável como não contável como é o caso de *laranja* em *sumo de laranja* ou *batata* em *puré de batata* em vez de *sumo de laranjas* ou *puré de batatas*. Mas o inverso também é possível e muito mais frequente: podemos dizer *dois cafés, duas águas, dois vinhos, dois ferros*. Mas este significado derivado só pode ser obtido no quadro de uma frase. Vejam-se os seguintes exemplos:

- (12) Pode trazer-me *dois cafés*?
- (13) Queria *dois chás*. Um preto e outro verde.
- (14) Comprei *dois vinhos* excelentes.
- (15) São precisos *dois ferros* para sustentar esta coluna.

Em (12)-(15) estamos a falar de porções padronizadas contidas em recipientes, como em (12) e (13), ou não, como em (15), ou então estamos a falar de tipos diferentes de uma substância como em (14) e eventualmente em (13). É isso que se está a contar e não o nome propriamente dito. Quer isto dizer que os nomes contáveis referem entidades discretas e delimitadas enquanto os não contáveis referem entidades não delimitadas.

Estas características condicionam o tipo de quantificação que se pode associar a estes nomes, que diverge consoante se está perante um contável ou não contável. Assim,

1. Os nomes contáveis podem co-ocorrer com numerais e indefinidos: *dois livros, poucas árvores, muitas casas, demasiados problemas, muitas vezes...*

2. Os nomes não contáveis podem co-ocorrer com quantificadores indefinidos não cardinais: *muita água, pouco açúcar, demasiada areia, bastante esforço, muita alegria...*⁵

Mas a distinção entre estes nomes torna-se mais evidente quando se observa o seu comportamento em diferentes tipos de construções. Apresenta-se de seguida, embora de forma breve, alguns dos aspectos mais relevantes.

- a. Os nomes não contáveis constroem-se sem determinante no singular como

⁵ Note-se que nos nomes não contáveis se incluem também nomes que não designam substâncias mas noções abstractas como *esforço, alegria*.

complementos verbais. Os contáveis, no singular, requerem em geral um determinante, como se pode ver nos exemplos (16)-(19):

- (16) Isto é pão /*livro.
- (17) Prefiro chá /*mesa.
- (18) Quero café /*sapato.
- (19) Aqui há açúcar /*flor.

Neste sentido veja-se também que o contraste de presença/ausência de quantificador permite distinguir interpretações contínuas de descontínuas, como em (20)-(22):

- (20) Quero *pão* / quero *um pão*.
- (21) Tens *ovo* na gravata / tens *um ovo* no prato.
- (22) Pediu *melão* / pediu *um melão*.

b. Os nomes não contáveis formam complementos preposicionados sem determinante, como em (23). Em (24), esta distinção leva-nos a entender que *maçã*, sendo um nome contável (*uma maçã*), pode funcionar como não contável:

- (23) Fiz a tarte com *açúcar* /*/?com *cereja*.
- (24) Fiz o bolo com *maçã* / fiz o bolo com *uma maçã*.

c. Os nomes não contáveis não admitem cardinais, a não ser que sejam recategorizados em contáveis pois não podem continuar a ser nomes de matéria e aceitar quantificação numérica, como já se viu nos exemplos (12)-(15).

d. Em línguas como o português, os quantificadores associados a nomes contáveis têm, tipicamente, traços de plural. É este traço que os distingue dos quantificadores associados a não contáveis. Veja-se o contraste entre as duas versões dos seguintes exemplos.

- (25) a. Ele comeu *muitas maçãs*.
- b. Ele bebeu *muita água*.
- (26) a. Ele tem *bastantes livros*.
- b. Ele tem *bastante paciência*.

e. Tanto os nomes contáveis no plural como os não contáveis podem surgir associados ao quantificador nominal *quantidade* na medida em que esta palavra está também associada a número, o que desde já indicia alguma afinidade entre massivos e plurais pois (27c), em que o nome contável está no singular, não é gramatical:

- (27) a. Comprámos *uma quantidade de livros*.
- b. O Rui bebeu *uma certa quantidade de vinho*.
- c. *Comprámos *uma certa quantidade de livro*.

f. Os nomes contáveis admitem o quantificador adjectival *meio*, mas não os não contáveis, embora ambos aceitem *metade*, como se pode ver nos seguintes exemplos:

- (28) Só tenho dinheiro para *meia casa* / já decorei *metade da casa*.
 (29) *Fiz o bolo com *meio açúcar* / fiz o bolo com *metade do açúcar*.⁶

Porém, há nomes que, consoante o contexto linguístico em que surgem, podem ser contáveis ou não contáveis, como se pode ver nos exemplos que a seguir se apresentam em que *presunto* é não contável em (30) e contável em (31):⁷

- (30) a. Comi presunto/ muito presunto
 b. Há presunto?
 c. Cheira a presunto.
 d. Comeram metade do presunto.
 (31) a. Deram-lhe um presunto.
 b. Há 2 presuntos na despensa.
 d. Comeram meio presunto.

Nessa medida, estes nomes podem usar ou não nomes 'contadores' para os transformar em contáveis. Vejam-se os contrastes nos exemplos seguintes:

- (32) a. Comi um chocolate/ uma *tablete* de chocolate.
 b. Ele foi buscar um ferro/uma *barra* de ferro.
 c. O Rui comeu um gelado /um *copo/cone* de gelado.

Mas se alguns destes nomes podem ou não seleccionar nomes contadores para ocorrerem como contáveis, outros há que precisam desses 'contadores' para passarem a contáveis, como é o caso, a título exemplificativo, de *açúcar*, *café*, *areia*, *arroz*, *ouro*, *platina* nos exemplos seguintes:

- (33) a. Adocei o chá com um *torrão* / *pacote* de açúcar.
 b. Decorei o bolo com doze *grãos* de café.
 c. Vamos dar uns *bags* de arroz aos pássaros.
 d. A Ana comprou dois *lingotes* de ouro.⁸

⁶ Esta distinção é semelhante ao que se passa com *inteiro* e *toda*:

- (i) *Bebi a água inteira / bebi a água toda.
 (ii) Comi a maçã inteira /comi a maçã toda.

A leitura de *inteira* que nos interessa aqui é a quantificacional: *comi a maçã inteira: não deixei nada*. Note-se que *inteiro* no plural perde a leitura quantificacional: *comi os bombons inteiros*.

⁷ Outros exemplos semelhantes a *presunto*: *algodão*, *bolo*, *chocolate*, *ferro*, *gelado*, *maçã*, *pão*, *pedra*, *queijo*...

⁸ Exemplos como (i) poderiam constituir uma objecção ao que se disse. No entanto, neste caso, *os teus ouros* refere objectos feitos de ouro. No entanto esta expressão surge em contextos muito particulares pois (ii) parece pouco aceitável:

- (i) Onde guardaste *os teus ouros*?
 (ii) ? Hoje comprei *três ouros*.

Os nomes contínuos (ou não contáveis) podem também combinar-se com ‘nomes de medida’ como, entre outros, *quilo*, *metro*, *litro*, *ano*, *minuto*, que por sua vez podem combinar-se com quantificadores, restringindo-os:

- (34) a. Comprámos *um quilo* de farinha.
 b. Eles carregaram *duas toneladas* de feno.
 c. A Rita fez um vestido com *cinco metros* de tecido.

Os ‘nomes de medida’, contrariamente ao que acontece com os ‘contadores’, podem também combinar-se com alguns plurais, como se pode ver em (35):⁹

- (35) a. Fiz o sumo com *meio quilo de laranjas*.
 b. Incineraram *duas toneladas de desperdícios*.
 c. Ela teve *dois anos de desgostos*.

Mas estes nomes de medida podem também ser argumentos quantitativos de alguns verbos como *medir*, *pesar*:

- (36) a. Esta árvore *mede dois metros*.
 b. Este animal *pesa uma tonelada*.

2.2. Dos contáveis aos colectivos

Há ainda nomes como *grupo*, *série*, *manada*, *montão*, que designam grupos. Estes nomes são, por vezes, considerados colectivos indeterminados na medida em que necessitam, como os outros, de um complemento sobre o qual quantificar tal como se pode ver nos exemplos seguintes em que a ausência do complemento torna as frases agramaticais:

- (37) a. O miúdo disse *uma série* *(de disparates).
 b. O professor trouxe *um montão* *(de papéis).

Esta característica distingue-os dos colectivos chamados determinados na medida em que designam grupos de entidades cuja natureza conhecemos:

- (38) a. O João passeou com a *família*.
 b. As crianças viram um *rebanho*.

Porém, alguns destes nomes colectivos podem ser ambíguos entre uma interpretação como colectivos e como nomes de quantificação como os exemplos em (39) mostram. Enquanto em (39a) *exército* é um nome colectivo, em (39b) ocorre uma expressão quantificacional. Estamos assim novamente perante um caso em que a construção em que

⁹ É importante notar que *meio quilo de laranjas* é diferente de *três laranjas* pois *três* dá uma informação cardinal enquanto *um quilo* dá informação de quantidade mas não de cardinalidade.

uma determinada palavra ocorre altera a sua natureza semântica apresentando por isso também consequências sintácticas.

- (39) a. *O exército* foi para as montanhas.
b. Ali vem um *exército de curiosos*.

Do ponto de vista semântico, os nomes colectivos parecem, num primeiro momento, comportar-se como os nomes de indivíduos no plural, embora os colectivos possam estar também sujeitos ao plural como é o caso, a título exemplificativo de *exércitos, famílias, rebanhos*.

As semelhanças entre plurais e colectivos pode ser observada em alguns casos como seja no contexto da preposição *entre*, de predicados com plurais colectivos como *reunir* ou ainda no contexto do adjectivo *numeroso*.

Vejamos então o primeiro caso em que se apresentam exemplos com a preposição *entre*, que exige pluralidade:

- (40) a. A carta está *entre os livros*.
b. Ela gosta sempre de estar *entre amigos*.
c. Deixaste-me *entre a espada e a parede*.
- (41) a. O jornalista estava *entre o público*.
b. Há insatisfeitos *entre o exército*.
c. Ainda há indecisos *entre o eleitorado*.

Nos exemplos em (40) a preposição *entre* ocorre com plurais marcados morfológicamente como em (40a) e (40b) ou pela conjunção de dois sintagmas nominais como em (40c).¹⁰ Mas em (41) *público, exército e eleitorado* são nomes colectivos. Isto mostra que neste contexto tanto nomes contáveis no plural como colectivos podem ocorrer.

Assim, palavras como *mobiliário, programação, produção* ou ainda expressões como *opinião pública, terceira idade* podem co-ocorrer com a preposição *entre*, enquanto *bosque* ou *avalancha* não podem.

Considere-se agora os predicados com plurais colectivos como *reunir, combinar* ou *agrupar*. Tal como acontece com plurais, como em (42a), também os colectivos podem ocorrer nestes contextos quer no singular, quer no plural:

- (42) a. *Os membros da família* reuniram-se.
b. *A família* reuniu-se.
c. *As famílias* reuniram-se.

Por último, também o adjectivo *numeroso* constitui um bom teste para captar semelhanças entre os plurais e os colectivos. Vejam-se os seguintes exemplos em que (43a),

¹⁰ O termo *sintagma nominal* aqui utilizado corresponde a *grupo nominal* na terminologia.

com um nome contável no singular, é agramatical mas (43b) e (43c) são bem formados enquanto (43d) é de aceitabilidade duvidosa:

- (43) a. *Aqui temos uma estrada numerosa.
 b. Os livros adquiridos são numerosos.
 c. Aqui temos um público numeroso / uma família numerosa
 d. ?? Esta é uma biblioteca numerosa.

Relativamente a *numeroso*, é importante notar que, no plural, é um quantificador se usado em posição pré-nominal (cf. (44a)) enquanto em posição pós-nominal (cf. (44b)) tem a leitura atribuída anteriormente:

- (44) a. Apareceram numerosas famílias na festa.
 b. Apareceram famílias numerosas na festa.

Porém, apesar das afinidades, os colectivos também se distinguem dos plurais. Veja-se o que se passa no contexto de relações anafóricas como nos exemplos seguintes:

- (45) a. Os noivos compraram um carro.
 b. O casal comprou um carro.
 (46) a. As crianças têm uma conta poupança.
 b. A família tem uma conta poupança.

Tanto em (45a) como em (46a) os nomes no plural tornam possível duas leituras, a distributiva e a colectiva. No primeiro caso *os noivos* ou *as crianças* podem ter comprado um carro ou ter uma conta poupança cada um, havendo assim tantos carros ou contas poupança quantos os noivos ou as crianças. Na segunda leitura *os noivos* compraram um carro em conjunto e *as crianças* têm uma conta poupança em conjunto, havendo neste caso só um carro ou só uma conta poupança. No entanto, em (45b) e (46b), pelo facto de se tratar de nomes colectivos, só a leitura colectiva está acessível.

Por último, veja-se ainda como os plurais se podem diferenciar de colectivos no contexto dos adjectivos simétricos:

- (47) a. Os miúdos eram parecidos (um com o outro)
 b. *O par era parecido (um com o outro)

Em jeito de conclusão, pretendeu-se neste texto enunciar as vantagens de uma terminologia orientadora, apesar de apresentar alguns problemas. Esta terminologia tem a vantagem de unificar a utilização de um instrumento de trabalho fundamental para conduzir os alunos na sua reflexão sobre a língua, o que é de crucial importância não só pelos conhecimentos que podem adquirir mas, sobretudo, por poder ser formativa no sentido de levar a uma atitude de rigor, experimentação e aquisição da capacidade de, com base na observação dos dados, se procurar estabelecer regularidades e fazer generalizações. Porém, uma terminologia é apenas um instrumento de trabalho, sendo necessário investir fortemente nos conhecimentos obtidos em muitos anos de investigação em linguística e também nas metodologias utilizadas. Assim, numa segunda parte abordou-se um dos temas introduzidos

na terminologia e tentou mostrar-se como proceder para distinguir linguisticamente os nomes contáveis dos não contáveis assim como estabelecer algumas relações com a complexa questão da semântica dos plurais e também com os colectivos.

BIBLIOGRAFIA

DUARTE, I., 2001, *Língua Portuguesa. Instrumentos de Análise*, Lisboa, Universidade Aberta.

DUARTE, I. & F. OLIVEIRA, 2003, "Referência Nominal" in Mateus, M. H. et al., *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Ed. Caminho, pp. 205-242.

OLIVEIRA, F., 1996, "Semântica" in Faria, I. H. et al. (orgs.), *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Lisboa, Ed. Caminho, pp. 333-382.

